

Estigma e Mobilidade: o imigrante boliviano nas confecções de São Paulo

Sidney Antonio da Silva*

A crescente presença de imigrantes bolivianos dedicando-se ao ramo das confecções em São Paulo, suscita algumas indagações sobre as razões pelas quais estes imigrantes estariam "preferindo" este tipo de atividade econômica terceirizada. Uma delas poderia estar relacionada à oferta de trabalho pelos empregadores bolivianos aos seus compatriotas, uma vez que a existência de um "enclave étnico" na cidade favorece o direcionamento desta mão-de-obra para o referido setor do mercado de trabalho paulistano. A outra estaria na possibilidade de se vislumbrar a mobilidade econômica com uma certa rapidez. Em se alcançando tal mobilidade poderíamos nos perguntar se a mesma asseguraria também o reconhecimento social.

É, portanto, proposta deste trabalho analisar o processo de mobilidade econômica e social entre os imigrantes bolivianos que se dedicam ao ramo da costura em São Paulo, explicitando que a conquista de uma condição econômica diferenciada pode não assegurar necessariamente o prestígio dos mesmos na cidade, em razão dos estigmas que lhes são atribuídos pela sociedade local. Para apreendermos as contradições inerentes a tal processo, faz-se necessário resgatar, em primeiro lugar, os meandros de sua inserção na grande metrópole, apontando para as mudanças socioculturais que isto implica, bem como os desafios que a luta pela sobrevivência lhes apresenta. Em segundo lugar explicitaremos alguns elementos alusivos à dinâmica de sua reprodução social nas pequenas confecções, para, finalmente, analisarmos as estratégias utilizadas por eles

para a consecução da tão almejada mobilidade econômica e social. Veremos que a primeira pode se viabilizar através da combinação de estratégias familiares de produção e a contratação de mão-de-obra de compatriotas, e a segunda, mediante a recriação de uma prática cultural denominada de *Presterio*, ou seja, um *preste* (festeiro) é escolhido a cada ano para organizar uma festa em louvor a algum santo de sua devoção, em geral, à Virgem Maria.

A Inserção na Metrópole Paulista

A presença boliviana na cidade de São Paulo não constitui um fenômeno novo. Já no início dos anos 50 é possível constatar a vinda de estudantes e profissionais liberais que emigravam em busca de uma especialização ou simplesmente uma oportunidade no mercado de trabalho. No entanto, havia também aqueles que sem nenhuma qualificação vieram tentar a sorte na grande metrópole, ou ainda para fugir às perseguições políticas. Porém, é a partir da década de 80 que o perfil do emigrado boliviano começa a mudar, bem como o volume deste fluxo. Isto porque temos um agravamento da crise econômica na Bolívia, a partir das mudanças estruturais na economia, em 1985. Tais mudanças acarretaram várias implicações para a população boliviana. Uma delas foi o processo de reorientação de mão-de-obra para outras regiões do país, uma vez que a privatização do setor mineiro eliminou muitos empregos. A outra foi a intensificação do êxodo rural, fazendo com que 57,5% da população viva na zona urbana (Silva, 1997, p. 77).

*Sidney A. da Silva é antropólogo e diretor do CEM (Centro de Estudos Migratórios de São Paulo).

Entre as cidades catalizadoras de migrantes na Bolívia temos La Paz (no Altiplano), Cochabamba (nos Vales) e Santa Cruz de la Sierra (região Oriental). Estas cidades representam, na verdade, um momento de um processo migratório mais amplo, o qual terá seu desfecho em alguns dos grandes centros urbanos do exterior, seja na Argentina, como é o caso de Buenos Aires, ou no Brasil, como é o caso de São Paulo.

Em São Paulo, a maioria deles são oriundos da cidade e "Departamento" (Estado) de La Paz, seguidos pelos de Cochabamba, Oruro, Santa Cruz, Tarija, Beni, entre outras. Em geral estão presentes na maioria dos bairros da cidade, concentrando-se, porém, em alguns deles, como no Brás, Pari, Bom Retiro, Vila Guilherme e Guaianazes. O perfil destes imigrantes caracteriza-se por serem jovens, do sexo masculino¹, pouco qualificados e parte deles em condição irregular, uma vez que após terem os seus vistos de turista vencidos, eles se tornam indocumentados. Outros entram sem nenhum tipo de controle e permanecem, portanto, na condição de clandestinos.

A inserção dos mesmos na grande cidade impõe-lhes a individualização e mudanças no seu *ethos* cultural, com a adoção de novos hábitos alimentares, entre eles a inclusão do feijão em sua dieta, bem como de uma nova maneira de vestir-se, hábitos de poupança e a necessidade de aprender uma nova língua, o que nem sempre acontece com rapidez. Isto se deve ao fato de eles conviverem com os seus compatriotas durante toda a semana e só entrarem em contato com brasileiros nos fins de semana, quando saem para fazer compras em feiras livres ou supermercados. Em alguns casos, tais contatos são extremamente limitados, protelando, assim, o processo de integração cultural, fato este que nos leva a admitir a existência de "enclaves étnicos" onde são partilhados elementos de uma mesma tradição cultural, sejam eles de origem quêchua, aimará ou guarani.

Tal especificidade étnica e cultural faz com que os bolivianos sejam identificados também de uma forma peculiar em São Paulo. A eles são atribuídos vários estereótipos construídos pela sociedade local, os quais, por sua vez, se transformam naquilo que Goffman (1975) denomina de estigma, ou atributos negativos que acabam contaminando todo o grupo. O mais recorrente é o de ordem sociocultural, isto porque estes imigrantes são identificados indistintamente como possíveis traficantes, pessoas pobres e de "pouca cultura". Em segundo lugar aparece o estigma de ordem étnica e racial, uma vez que em razão de sua tipologia específica e da pele morena são identificados como "índios" e "morenos". Finalmente, temos o estigma de ordem jurídica, pois o Estado brasileiro os identifica como estrangeiros indocumentados ou clandestinos, trazendo-lhes sérios problemas para o seu dia-a-dia.

Vale dizer, no entanto, que tal processo de estigmatização não se dá de forma aberta como acontece, por exemplo, em Buenos Aires, onde são identificados como "villeros", "cabecitas negras" ou "boiitas", mas de forma velada e sutil através de mensagens veiculadas tanto na imprensa falada quanto na escrita, ou ainda nas formas jocosas do dia-a-dia. Notícias veiculadas nos jornais e televisão no mês de julho de 1997, envolvendo o dono de uma oficina de costura com a prática de "trabalho escravo", fez com que a comunidade boliviana se mobilizasse para tentar reverter a imagem negativa que passou a ser atribuída a todo o grupo. Em alusão a esta realidade uma boliviana disse: *Até dois anos atrás éramos identificados como traficantes, agora talvez como negreiros* (alusão ao tráfico de mão-de-obra escrava). Nesse sentido, podemos dizer que um amplo e complexo processo de construção de uma nova identidade está em curso, cujos desdobramentos dependem dos interesses em jogo e da conjuntura na qual estão inseridos.

¹ Vale notar que a presença feminina no grupo tem crescido consideravelmente nos últimos anos. Dados recentes apontam para um relativo equilíbrio entre homens e mulheres, ou seja, 55,1% e 44,9% (Silva, 1999, p. 24).

As Pequenas Confeções e a sua Dinâmica de Reprodução Social

A crescente presença de mão-de-obra latino-americana no setor das confeções, e particularmente de bolivianos(as), nos instiga a indagar o porquê da "preferência" destes imigrantes por este tipo de atividade econômica. A primeira razão pode estar no fato de que este setor absorve em geral mão-de-obra pouco qualificada, exigindo dos trabalhadores apenas boa vontade para adaptarem-se às longas jornadas de trabalho e sem ter nenhum direito trabalhista assegurado. Tais condições de trabalho explicariam, portanto, a razão pela qual o trabalhador nacional rejeita este tipo de atividade. No entanto, tais argumentos não são suficientes para explicar tal rejeição, uma vez que é preciso considerar também um dado de ordem cultural, já que o trabalho da costura é tido no Brasil como uma atividade feminina e, portanto, culturalmente rejeitada pelos homens.

É preciso considerar também um outro elemento, este de ordem mais conjuntural, pois os coreanos abdicaram de contratar mão-de-obra de seus próprios compatriotas, a partir do momento em que a imprensa passou a denunciar a existência de "trabalho escravo" no interior da comunidade². Assim, a estratégia adotada por eles foi a terceirização do trabalho, delegando aos bolivianos a incumbência de contratar os seus próprios conterrâneos para realizá-lo, sob o regime de produção em que o ganho do trabalhador depende da quantidade de peças que for capaz de costurar. Vale dizer ainda que a terceirização da produção significa a possibilidade de tornar estas confeções mais competitivas no mercado, as quais passaram

a ter uma forte concorrência dos produtos importados a partir de 1994.

Entretanto, entre os fatores acima apresentados, a existência das redes sociais de contatos e de informações que são estabelecidas entre o país de origem e o de destino, parecem ter um peso preponderante no direcionamento desta mão-de-obra para as confeções. Tais redes são acionadas particularmente pelos que vão a Bolívia contratar mão-de-obra, sobretudo de parentes e amigos, prometendo aos mesmos boas condições de trabalho, incluindo casa e alimentação. No entanto, ao chegarem em São Paulo tais promessas nem sempre são cumpridas e os trabalhadores(as) são obrigados a trabalhar durante os primeiros meses para pagar a dívida contraída com os empregadores que os trouxeram. Esse "favor" produz uma relação de dependência do empregado para com o "oficinista" (empregador), em que este exige daquele "fidelidade", pelo menos por um ano (Silva, op. cit., p.121-122).

Contudo, tais vínculos são rompidos pelos costureiros(as), fazendo com que haja uma grande rotatividade de mão-de-obra nas oficinas. Essa é uma das razões pelas quais os "oficinistas" preferem buscar a sua própria mão-de-obra diretamente na Bolívia, muitas vezes pessoas que vivem no campo. Isto porque os trabalhadores (as) disponíveis no mercado a céu aberto, que é a praça do Pari³, já não estariam dispostos a aceitar condições de trabalho tão opressivas. A dinâmica que rege, portanto, este mercado de mão-de-obra não é a regra do contrato social, mas as relações de favor e dependência, as quais acabam adquirindo uma caráter nitidamente étnico-cultural. Dessa forma, tais relações conjugadas com a condição jurídica da

² O processo emigratório de coreanos para o Brasil iniciou-se a partir dos anos 60. Porém, é na segunda metade da década de 70 que o fluxo ganhou impulso, pois, estes imigrantes utilizavam-se do Brasil como um "trampolim" para entrar nos Estados Unidos. O Censo Demográfico 1980 apontou a presença de 42 000 coreanos no Brasil. Porém, muitos deles permaneceram durante vários anos na clandestinidade, e por isso a comunidade iniciou um processo de mobilização com o objetivo de apagar esta imagem, freqüentemente atribuída a todo o grupo(Choi, 1991).

³ Este mercado de trabalho vem passando por um processo de organização, pois já existe uma agência de empregos de bolivianos voltada para a comunidade, denominada *Agência Sônia*. Todos os domingos é possível visualizar na referida praça anúncios de trabalho direcionados aos costureiros(as). Para quem quiser anunciar é cobrada uma taxa de R\$ 2,00 (dois reais) por anúncio.

indocumentação vivenciada por parte significativa deles, possibilitam, em alguns casos, a emergência de relações de trabalho em condições de superexploração⁴.

A proliferação de oficinas de costura pela cidade tem contribuído, por um lado, para acirrar ainda mais competição entre os oficinistas, cuja conseqüência direta tem sido a queda dos preços pagos pelos coreanos aos bolivianos, e, conseqüentemente, destes para com os seus costureiros. Neste sentido, os preços pagos por peça costurada caíram consideravelmente, atingindo a ínfima cifra de R\$ 0,10, no caso das peças mais simples. Por outro lado, a competição instaurada pela roupa importada fez com que os produtores passassem a se preocupar também com a qualidade de seus produtos. Tal exigência impõe, por sua vez, mais horas de trabalho aos costureiros, sem que isto lhes tenha revertido em ganhos extras.

Diante do medo de serem descobertos pelos fiscais da Justiça do Trabalho e pelos agentes da Polícia Federal, bem como em razão do aumento dos custos com o aluguel nos bairros centrais, muitos oficinistas transferiram as suas oficinas para a periferia da cidade, cuja distância dos centros de distribuição das encomendas passou a insidir também nos preços pagos aos bolivianos. Além destes desafios os oficinistas são obrigados a esperar mais dias além do combinado para receberem por suas encomendas e, muitas vezes, correm também o risco do calote.

Apesar de todos os desafios enfrentados pelos oficinistas e costureiros bolivianos na cidade, podemos levantar a hipótese de que a preferência por este tipo de atividade econômica se deve também ao fato de que a mesma poderia viabilizar a possibilidade de se alcançar a mobilidade econômica, na medida em que eles forem capazes de montar a sua própria oficina de costura, contraindo mão-de-obra dos conterrâneos. Porém,

o tão sonhado reconhecimento social pela sociedade local pode encontrar uma série de entraves, isto porque estes imigrantes terão que enfrentar inevitavelmente os vários estigmas a eles atribuídos, tornando este sonho cada vez mais distante. Considerando que estes imigrantes não estariam dispostos a abrir mão de tal sonho, quais seriam, então, as estratégias adotadas pelos mesmos para viabilizá-lo?

Costurando Estratégias de Mobilidade

Vimos, anteriormente, que os vários estigmas imputados pela sociedade local ao imigrante boliviano, seja ele um costureiro ou não, constituem-se num dos principais desafios a serem vencidos pelos mesmos, além da árdua luta pela sobrevivência.

E para conseguir a tão almejada mobilidade, o imigrante boliviano adota uma estratégia semelhante à utilizada pelos negros, a qual consiste em desvincular-se dos vários estigmas imputados ao seu grupo étnico, mediante a ruptura das relações com o mesmo durante um determinado tempo. Este isolamento deliberado, segundo Florestan Fernandes, "surge como uma técnica de autoproteção social", a qual é abandonada pelos indivíduos, assim que for dispensável (Fernandes, 1965, p. 270).

Os depoimentos transcritos a seguir explicitam tal estratégia de mobilidade adotada por estes imigrantes, sejam eles de condição social mais elevada, como é o caso dos profissionais liberais ou dos costureiros em questão. Para os primeiros, uma das razões do seu afastamento do grupo pode estar relacionada à questão dos costumes bolivianos, como, por exemplo, a bebida em excesso. Porém, a questão da classe social aparece como o fio condutor que permeia a maioria das suas falas em relação a estes últimos, vistos por aqueles como "índios" e

⁴ O caso de Gladys parece ser ilustrativo de tal realidade. Durante nove meses ela trabalhou numa oficina de costura recebendo um salário de R\$ 50,00 reais mensais. A sua jornada de trabalho iniciava-se às 7:00 horas e terminava às 23:00 horas, todos os dias. A comida era insuficiente e o alimento do seu filho era fornecido pelo posto de saúde do bairro. A única forma de lazer de que dispunha era ir até a praça da igreja levar a criança para passear no domingo à tarde. Não suportando mais tal situação, um dia ela fugiu do trabalho e pediu ajuda à Pastoral dos Migrantes.

"campesinos". Para os costureiros, o problema da competição existente dentro do grupo aparece como a principal razão das atitudes e comportamentos egoísticos, como nos relata Marta, dona de uma pequena confecção:

Há desconfiança porque nós, os bolivianos, não somos iguais. Há muito egoísmo, hipocrisias, inveja entre nós mesmos. Não há muita colaboração, pelo que eu tenho observado até agora (Grifo meu).

Outro oficinista argumentou:

Com o aumento das oficinas, aumentou também a concorrência entre nós. Quando alguém trata um preço com o coreano, outro se oferece para fazê-lo por menos. Há que proibir a entrada de mais costureiros.

A questão da concorrência e da inveja⁵ aparece, portanto, com uma certa recorrência nas várias falas destes imigrantes, que assinalaram a necessidade de sempre "exorcizar" esses "maus fluídos" para que eles não interfiram em suas trajetórias. É possível encontrar também a idéia de que tais trajetórias já estariam "traçadas" e que *cada pessoa tem um ideal para realizar, com sua mentalidade, com o seu trabalho digno*, e que para chegar lá é preciso muito sacrifício, como asseverou uma jovem costureira:

A gente tem que sofrer para conseguir algo bom, depois chega a felicidade, como todos dizem, não é mesmo? Sofrendo, sofrendo, sofrendo e depois se alcança uma vida feliz, pouco a pouco se chega lá.

Tal visão do mundo, que à primeira vista poderia ser considerada determinista, deve ser compreendida, entretanto, dentro de um amplo espectro de elementos culturais, os

quais foram sendo moldados ao longo da história por uma concepção cristã resignada pelos elementos da cultura hispano-crioula, cujas diferenças de classe e gênero são constantemente remarcadas, bem como pela repressão política, fruto dos subseqüentes regimes ditatoriais pelos quais passou a Bolívia.

Em geral, os que já estão no País há vários anos, e que também desfrutam de uma condição econômica diferenciada, afirmam que, quando um compatriota chega em São Paulo ele quer subir na vida rapidamente, o que não é possível. Isso só é factível, segundo eles, com muito trabalho, como afirmou um comerciante: *Assim como nós começamos de baixo, eles devem fazer o mesmo*. Outro dizia:

Eu tenho visto gente nossa e gente brasileira que chega e se queixam: por que me pagam pouco?... O ser humano tem que ter a sua própria capacidade. Se tem capacidade então ele vai chegar e dizer: quero ganhar tanto. Mas para ganhar esse tanto ele tem que produzir...

No entanto, é preciso considerar que as oportunidades nem sempre são as mesmas para todos nos diferentes momentos históricos, como também são diferenciadas as condições de que cada um dispõe para competir no mercado de trabalho.

Tais falas nos possibilitam dizer, portanto, que o anonimato adotado por eles não é somente um problema de adaptação que todo imigrante enfrenta num novo contexto sociocultural, mas pode ser também uma estratégia de mobilidade, na medida em que os mesmos forem capazes de organizar a sua própria unidade de produção, em alguns casos, a partir do grupo familiar.

⁵ No seu trabalho sobre o Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem, Taussig constata que a suscetibilidade à inveja era muito recorrente entre os indígenas no Putumayo (Colômbia). Tal questão é denominada por ele de "conhecimento social implícito" e "não é simplesmente uma faculdade passiva, de reflexão e absorção do ser social; deve ser pensado igualmente como uma atividade experimental, ensaiando esta ou aquela possibilidade, imaginando esta ou aquela situação, esta ou aquela motivação, postulando outra dimensão para uma personalidade, em resumo, experimentando, por meio da imagem verbal e visual, a gama de possibilidades e quase impossibilidades da relação social, consigo e com o outro" (Taussig, M., 1993, p. 369).

Assim, tal empreendimento passa a ser um projeto familiar, para o qual são canalizados todos os esforços e recursos a fim de concretizá-lo⁶. Entretanto, quando os filhos começam a formar as suas famílias, estes sentem a necessidade de montar a sua própria oficina, ingressando, assim, no competitivo mercado das confecções. Em outros casos, tal independência significa que o costureiro se libertou da tutela do seu empregador, que em geral é um compatriota, para tornar-se um concorrente do mesmo e, em alguns casos, até mesmo entre os membros de uma mesma família. Dessa maneira, o caminho adotado pela maioria deles é a via individualista, dificultando, assim, a organização do grupo, como afirmou um oficinista:

Poderíamos organizar uma cooperativa de costureiros. Porém, alguns querem ganhar em um mês o de um ano. Por isso, não se unem e continuam sendo explorados pelos coreanos.

A rejeição de qualquer forma de organização pode ser vista também como uma forma de se manter as regras do jogo atual, aliás, extremamente vantajosas para os empregadores. Nesse sentido, qualquer medida que viesse a regulamentar este sistema de produção terceirizado, acabaria por inviabilizá-lo.

Para os mais jovens e solteiros, a possibilidade de ascensão passa por outra via, ou seja, a da profissionalização, na medida em que conseguem estudar. Porém, para estes jovens, o difícil é conciliar o horário de trabalho nas confecções com a escola, o que geralmente é quase impossível. Da mesma forma, para os imigrantes que têm filhos no Brasil o grande sonho dos mesmos é dar-lhes uma boa formação, posto que, em geral, eles não a tiveram, pois dela depende a possibilidade de ascensão social.

Vale notar ainda que a partir do momento em que alguns costureiros adquirem certa estabilidade econômica, eles começam a diversificar as suas atividades. Nestes casos, as mulheres passam a administrar a confecção e os homens iniciam outro tipo de negócio, como, por exemplo, o ramo da importação de produtos, bares, restaurantes, entre outros.

A questão central que se coloca no contexto do grupo em evidência é a de que o imigrante boliviano pode conseguir a tão sonhada mobilidade econômica, combinando estratégias familiares e capitalistas, como constatamos em vários casos. Porém, a mobilidade social pode não ser uma decorrência da primeira, em razão dos vários estigmas atribuídos a ele e ao seu grupo pela sociedade brasileira, independentemente da classe social a que pertença. Nesse sentido, podemos dizer que o lugar da mobilidade econômica pode ser em São Paulo, mas o de ambas só se daria na Bolívia, na medida em que ele conseguir algum capital para começar o seu próprio negócio, ou ainda através da realização de outras aspirações, como mencionou um profissional:

Sempre com a minha esposa pensamos em retornar, porque tenho aspirações políticas e universitárias que aqui não pude realizar. Pretendo ingressar na política e na Universidade e retornar às minhas raízes. Então vou com a minha família, não me desfaço do meu patrimônio. Alugo os bens que tenho aqui(...) Porém, não devo cortar os meus vínculos com o Brasil, porque tenho interesses comerciais aqui. Não pretendo deixar o meu escritório, pretendo regressar uma vez por mês, permanecendo algum tempo aqui e lá. Há algum tempo já sou binacional(...)

⁶ Situação semelhante foi constatada por Benencia (1997), entre os bolivianos que trabalham na agricultura periférica de Buenos Aires, em que estes imigrantes utilizam uma lógica de acumulação que combina várias estratégias. Temos, por um lado, o arrendamento de terras, a contratação de mão-de-obra de conacionais e, por outro, o trabalho familiar e a poupança comum com o objetivo de comprar máquinas e, finalmente, a própria terra.

No entanto, como as chances de sucesso econômico no país de origem são menores para o pequeno empresário, devido às dimensões do mercado naquele país, vários mencionaram o desejo de ter negócios tanto no Brasil quanto na Bolívia. Entretanto, esse sonho parece estar distante para a maioria dos costureiros, uma vez que a mobilidade econômica depende da combinação de várias estratégias, como explicitamos anteriormente. Nesse sentido, o imigrante é levado a negociar por algum tempo a sua nova posição social, isto porque na metrópole o mercado de trabalho nivela a todos, tanto nacionais quanto estrangeiros, transformando-os em mão-de-obra barata.

Considerando que a mobilidade social pode não ser alcançada fora do grupo étnico, o imigrante tende a "romper" com o anonimato estratégico adotado temporariamente e volta-se para o interior do mesmo, onde buscará o tão desejado reconhecimento social. Isto é possível mediante a recriação de uma tradição cultural, como é o caso do "presterio". Assim sendo, as relações de "paisanaje" (entre compatriotas)⁷, de apadrinhamento, de parentesco e de compadrio que são estabelecidas no âmbito do trabalho, da vida familiar e da religião, são alguns valores que o imigrante não estaria disposto a negociar, uma vez que é através dos mesmos que a mobilidade econômica e social pode ser viabilizada dentro do próprio grupo de compatriotas.

Em busca do Reconhecimento Social

A busca do reconhecimento social faz parte dos sonhos de todo (i)migrante, que procura realizá-lo, seja no país de destino, o que em geral é mais difícil em razão dos preconceitos que podem ser atribuídos ao mesmo, ou no país de origem, com a sua volta vitoriosa objetivada na posse de bens materiais duráveis. Foi o que constatou Weber

Soares entre os valadarenses que emigraram para os Estados Unidos, os quais através da aquisição de imóveis na terra natal, sobretudo nos bairros de onde saíram, demonstram que (...) à desterritorialização provocada pelo fluxo migratório opõe-se um movimento de resistência, a (re)territorialização, a busca de territórios existenciais por meio do mercado imobiliário (Soares, 1995, p. 26).

No caso dos bolivianos, semelhante possibilidade está ao alcance dos poucos que conseguem acumular algum capital para investir na terra natal, em vista de uma possível volta, sobretudo quando conseguirem dar aos filhos uma posição confortável. No entanto, para a maioria a busca do reconhecimento social apresenta-se como um sonho que pode ser alcançado dentro do próprio grupo de conacionais, na medida em que for "escolhido" para "pasar" uma festa religiosa, em geral dedicada à Virgem Maria, reiventando, desta forma, uma tradição típica da Bolívia que é o "presterio" ou "pasantazgo".

O princípio central desta instituição consiste em escolher a cada ano um novo *preste* ou *pasante* (festeiro), que se encarregará de organizar a próxima festa. Na Bolívia cabe ao festeiro dispor da maior parte dos recursos para organizá-la, explicitando, assim, a sua situação de prosperidade dentro do grupo. Porém, é costume também nomear os "padrinhos" da festa, ou seja, aqueles que o ajudarão nas despesas da organização da mesma. Em São Paulo, a organização das festas segue um esquema diverso, uma vez que aquelas realizadas num âmbito mais privado têm como regra a participação somente daqueles que são convidados, os quais colaboram com alguma coisa, e tudo é partilhado entre eles. No caso daquelas que são abertas ao público em geral, parte da comida e da bebida servida é cobrada dos participantes. Vale ressaltar, porém, que nos dois

⁷ Oswaldo Truzzi constatou que entre os Sírios e Libaneses em São Paulo as relações de conterraneidade, parentesco e familiares eram fundamentais para a inserção do imigrante recém chegado no mercado de trabalho urbano, em vias de formação. Portanto, num primeiro momento, tais relações propiciavam aos mesmos ajuda mútua necessária para começar o trabalho de vendedor ambulante ou abrir o próprio negócio. Porém, como afirma o autor, *tais relações não podem ser tomadas como absolutas; elas estão longe, por exemplo, de se traduzirem em obrigações*. Isto porque, segundo ele, *um beneficiado hoje sempre será potencialmente o concorrente de amanhã* (Truzzi, 1997, p. 55-56).

casos é praxe nomear padrinhos para a orquestra que animará a festa, para a decoração da igreja, para trocar o manto da santa, para colaborar com a bebida e a comida, para as "colitas", (pequenas lembranças oferecidas aos participantes), e no caso da festa da padroeira nacional, a Virgem de Copacabana, para a preparação dos "cargamentos", uma procissão de carros enfeitados com "aguayos" (tecido multicolorido), flores, objetos de prata, etc., a qual sai da casa do festeiro e percorre as ruas da cidade até o local dos festejos. Criam-se, portanto, relações de cooperação e compadrio ritual entre eles, as quais são permanentes, porém não hereditárias. Tal cooperação é expressa em um valor cultural próprio dos camponeses da Bolívia, que é o *Ayni* (um empréstimo que deverá ser devolvido na próxima festa) (Silva, 1997, p. 237).

Além desses valores culturais, as festas populares, em geral em louvor à Virgem Maria (Virgem de Copacabana e Urkupíña), apresentam uma riqueza de elementos da cultura material - em geral são trazidos da Bolívia - cujos objetos carregam uma poderosa carga afetiva em relação ao país de origem, indicando a existência de um processo de reafirmação e reconstrução das identidades, nos seus aspectos cultural, étnico e social. Dessa forma, dá-se um processo de seleção de alguns valores do vasto patrimônio cultural do grupo, os quais passarão a ser os traços diacríticos aferidores de identidade e, portanto, inegociáveis. Assim, como já notara Manueia Carneiro da Cunha em outro contexto, *a cultura original de um grupo étnico, na diáspora ou em situações de intenso contato, não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova função, essencial e que acresce às outras, enquanto se torna cultura de contraste: este novo princípio que a subentende, a do contraste, determina vários processos. A cultura tende ao mesmo tempo a se acentuar, tornando-se mais visível, e a se simplificar e enrijecer, reduzindo-se a um número menor de traços que se tornam diacríticos.* (Cunha, 1986, p. 99-100).

No caso dos bolivianos, observa-se que nas festas populares os vários ritmos e bailes folclóricos de cada região do país de origem

aparecem com maior ênfase e são apresentados como uma forma de demarcar as diferenças culturais entre os bolivianos presentes nas mesmas, bem como é uma tentativa de reverter a imagem negativa atribuída ao grupo como um todo, pela sociedade local. Vale ressaltar ainda, que os interessados em divulgar tais elementos do folclore boliviano são grupos residentes na cidade há vários anos, como "Kantuta", um grupo formado por filhos de pequenos empresários e profissionais liberais.

Pode-se dizer, portanto, que em face das condições adversas da conjuntura atual em que estão inseridos os imigrantes bolivianos, particularmente os que trabalham no ramo da costura, a tendência em um primeiro momento é a busca do isolamento e da autoproteção, dificultando assim, o diálogo intercultural. Porém, na medida em que tais festas vão conquistando mais espaço no âmbito público, novos parâmetros de relação intercultural são estabelecidos, uma vez que a realização das mesmas, sobretudo no espaço eclesial (Pastoral do Migrante), implica num constante processo de negociação de regras, o qual no limite acaba por engendrar uma nova dinâmica na reprodução sociocultural do grupo em questão. Isto porque a partir do momento em que tais festas passaram a ser realizadas num espaço público aberto a todos, novos elementos de organização foram introduzidos, como por exemplo, as condições para ser "pasante". Entre elas destacam-se a necessidade de participar por dois anos das atividades da Pastoral dos Migrantes e estar casado pela igreja. Além disso foi introduzida também a cobrança de parte da comida e bebida servidas durante os festejos. Isto nos permite dizer, por um lado, que tais festas vêm se transformando paulatinamente num espaço onde o econômico e a ostentação vão tomando o espaço do que antes era destinado ao intercâmbio de "dádivas". Por outro, poderá estar se transformando num espaço de segmentação social, uma vez que a participação dos costureiros(as) nas mesmas é mínima. Cabe, pois, ao tempo dizer se tal espaço será reapropriado por eles, quando estes conquistarem uma condição econômica satisfatória.

Conclusão

Ao finalizar este trabalho, uma das interrogações que nos vem à mente é se tais estratégias de mobilidade constatadas entre os bolivianos que trabalham no ramo da costura em São Paulo, estariam ao alcance de todos? Diante das dificuldades vividas pelo setor da confecção na atual conjuntura, é preciso ter um certo cuidado para não incorrer em conclusões apressadas. Isto significa que é cada vez mais difícil acumular capital para se abrir a própria oficina de costura, em razão dos baixos preços pagos por cada peça costurada. No entanto, como observamos, tal possibilidade não pode ser totalmente descartada, na medida em que o imigrante for capaz de combinar algumas estratégias de acumulação, tais como a utilização do trabalho familiar, por um lado, e a contratação de mão-de-obra de compatriotas, por outro.

Do ponto de vista social, podemos dizer que as possibilidades de reconhecimento no âmbito da sociedade paulistana são ainda mais reduzidas, isto porque aos imigrantes bolivianos são atribuídos vários estigmas, que

podem protelar as suas pretensões de prestígio e poder. Portanto, como constatamos, uma das possibilidades vislumbradas para se alcançar tal reconhecimento, é realizar uma ou várias festas dentro do próprio grupo de compatriotas. E para isto é necessário cumprir também algumas regras, seja no âmbito das festas privadas ou públicas. No primeiro caso, é necessário pertencer ao círculo de amigos para ser escolhido. No segundo, é necessário participar das atividades da Pastoral do Migrante pelo menos por dois anos, além de preencher os requisitos religiosos em relação ao sacramento do matrimônio. Na verdade, tais exigências acabam por restringir ainda mais as chances de participar deste jogo agonístico.

Assim, podemos dizer que tais estratégias não podem ser tomadas como preestabelecidas, mas enquanto possibilidade que se começa a vislumbrar nas trajetórias de cada imigrante, na medida em que ele estiver disposto a aceitar as regras do jogo para transformar os seus sonhos em realidade, não importando o preço que terá que pagar para tanto.

Bibliografia

- ABREU, Alice R. de Paiva. O avesso da moda: trabalho a domicílio na indústria de confecção. São Paulo: Hucitec, 1986. 302 p.
- BENENCIA, R. De peones a patronos quinteros: movilidad social de familias bolivianas en la periferia bonaerense. Trabalho apresentado no Seminário: Procesos migratorios en países del Mercosur 1890-1990. Buenos Aires, 1997.
- _____; KARASIK, G. Bolivianos en Buenos Aires: aspectos de su integración laboral y cultural. Estudios Migratorios Latinoamericanos, Buenos Aires, año 9, n. 27, p. 261-299, 1994.
- CARDOSO, Fernando Henrique. Os brancos e a ascensão social dos negros em Porto Alegre. Anhembi, São Paulo, ano 10, v. 29, p. 584-596, ago. 1960.
- _____; IANNI, Octávio. Cor e mobilidade social em Florianópolis. São Paulo: Nacional, 1960.
- CHOI, Keum Joa. Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil. 1991. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CUNHA, Manoela C. da. Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade. São Paulo: Brasiliense: Edusp, 1986. 173 p.
- DURHAM, Eunice. A caminho da cidade. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FARIA, Sheila de Castro. A colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FAUSTO, Boris. Negócios e ócios: histórias da imigração. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 230 p.
- FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes. São Paulo: Dominus, 1965. 2 v. (Ciências sociais dominus, n. 3).
- GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- PEREIRA, João B. Borges. Cor, profissão e mobilidade: o negro e o rádio de São Paulo. São Paulo: Pioneira: Edusp, 1967.
- SILVA, Sidney A. Costurando sonhos: trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo. São Paulo: Paulinas, 1997. 297 p. (Estudos e debates).
- _____. Clandestinidade e intolerância: o caso dos bolivianos em São Paulo. Travessia: revista do migrante, São Paulo, n. 30, p. 25-29, jan./abril 1998.
- _____. Hispano-americanos em São Paulo: alcance e limites de um processo de integração. Travessia: revista do migrante, São Paulo, n. 33, p. 24-32, jan./abr. 1999.
- SOARES, Weber. Serviladarense: a conquista de nova posição no espaço social e a "(re)territorialização" na origem. Travessia: revista do migrante, São Paulo, n. 21, p. 23-27, jan./abr. 1995.
- TAUSSIG, M. Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Paz e Terra, 1993. 481 p.
- TRUZZI, Oswaldo, M. S. Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1997. 254 p. (Estudos brasileiros, n. 31).